



ÁFRICA E BRASIL AFRICANO





ÁFRICA E BRASIL AFRICANO

Marina de Mello e Souza

Professora de História da África da Universidade de São Paulo



ea
editora ática

EDIÇÃO REVISTA PELA AUTORA

ÁFRICA E BRASIL AFRICANO
© MARINA DE MELLO E SOUZA, 2005

GERENTE EDITORIAL *Fabricio Waltrick*
EDITORA *Lavínia Fávero*
EDITORA ASSISTENTE *Grazielle Veiga*
ESTAGIÁRIA *Marina Constantino*
PREPARADORA *Márcia Leme*
LEITURA CRÍTICA *Alberto da Costa e Silva*
COORDENADORA DE REVISÃO *Ivany Picasso Batista*
REVISORAS *Alessandra Miranda de Sá, Cátia de Almeida*

ARTE
PROJETO GRÁFICO *Victor Burton*
COORDENADORA DE ARTE *Soraia Scarpa*
ASSISTENTE DE ARTE *Thatiana Kalaas*
MAPAS *Maps World*
TRATAMENTO DE IMAGEM *Cesar Wolf, Fernanda Crevin*
PESQUISA ICONOGRÁFICA *Silvio Klugin (coord.)*
MAPAS DA CAPA *Mapa das capitânicas da Paraíba, Pernambuco e Itamaracá. Willem Hondius, 1635; Mapa da Costa Ocidental da África. Mercator-Hondius, 1636 (Os mapas foram reproduzidos em seu formato original)*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

S716a
3.ed.
Souza, Marina de Mello e
África e Brasil africano / Marina de Mello e Souza. - 3.ed. -
São Paulo : Ática, 2012.
176p. : il.

Apêndice: Suplemento de atividades (encarte)
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-08-16052-5

1. África - História. 2. África - Usos e costumes. 3. Negros - Brasil - História. 4. Negros - Brasil - Usos e costumes. I. Título.

12-3186. CDD: 960
CDU: 94(6)

ISBN 978 85 08 16052-5 (aluno)
Código da obra CL 738310
CAE: 271364 - AL

2017
3ª edição
5ª impressão
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br



IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.







Para Ilmar Rohloff de Mattos



Apresentação

A intenção deste livro é mostrar o que existe de africano no Brasil e contar coisas da África que ainda são pouco conhecidas entre nós. Se somos resultado da mistura de índios, africanos e portugueses – outros imigrantes só passaram a vir em maior número a partir do fim do século XIX –, temos de conhecer melhor o que esses antepassados nos deixaram como herança.

Como todos sabemos, e confirmamos ao olhar para as pessoas que formam o povo brasileiro, os negros africanos deram uma contribuição muito importante para o Brasil ser o que é hoje. Depois de uma dura travessia pelo oceano Atlântico, foram obrigados a mudar sua maneira de viver, adaptando seus costumes e suas tradições ao novo ambiente. Misturando-se aos povos que aqui encontraram, esses negros deram origem à mestiçagem que amorenou a nossa pele, alongou nossa silhueta, encrespou nossos cabelos e nos conferiu a originalidade de gestos macios e andar requebrado. Quando nossos antepassados incorporaram elementos africanos ao seu dia a dia nas lavouras, nos engenhos de açúcar, nas minas e nas cidades, construíram uma nova identidade e nos legaram o que hoje chamamos de cultura afro-brasileira.

Abordar conteúdos que trazem para a sala de aula a história da África e do Brasil africano é cumprir alguns de nossos objetivos como educadores: levar à reflexão sobre a discriminação racial, valorizar a diversidade



étnica, gerar debate, estimular valores e comportamentos de respeito, solidariedade e tolerância. E é também a oportunidade de levantar a bandeira de combate ao racismo e às discriminações que atingem em particular a população negra, afro-brasileira ou afrodescendente. Discutir esse tema junto de nossos alunos é o primeiro passo na trilha da reconstrução de uma face de nosso passado que ainda precisa ser entendida. Esperamos que este livro, em nova edição revista pela autora, participe dessa caminhada.

Boa leitura.



CAPÍTULO 1

A África e seus habitantes

Retrato físico do continente 11

A variedade de povos 14

A África nilótica e saariana 14

Entre o Saara e o Atlântico 19

Os bantos da África central 21

Contatos com gente de fora da África 24

Pelos mares Mediterrâneo e Vermelho 24

Pelo oceano Índico 26

Pelo oceano Atlântico 27



CAPÍTULO 2

Sociedades africanas

As formas de organização 31

Exemplos de sociedades africanas 34

No Sudão ocidental 34

As sociedades iorubás e daomeanas 36

O Congo 38

Terras do Monomotapa 40

O comércio 42

O sobrenatural 44



CAPÍTULO 3

Comércio de escravos e escravidão

A escravidão na África 47

O comércio de escravos pelo oceano Atlântico 50

O pioneirismo português 50

Formas de comerciar escravos 56

Principais regiões fornecedoras de escravos 61

Transformações provocadas pelo tráfico de escravos 64

A Costa da Mina 64

A costa de Angola 68





CAPÍTULO 4

Os africanos e seus descendentes no Brasil

O escravismo colonial 77

Quem eram os africanos trazidos para o Brasil 82

Tornando-se parte da sociedade brasileira 88

As relações dos africanos entre si e com os crioulos 88

As relações dos africanos e seus descendentes com os senhores 92

As resistências à escravidão 97

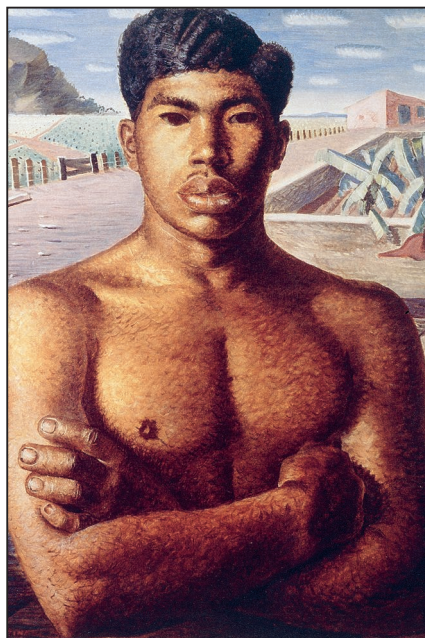
Como voltar a ser gente que vive em grupo 104

Novas identidades 104

Os laços entre parentes e companheiros de trabalho 107

As religiões africanas no Brasil escravista 110

O catolicismo negro 116



CAPÍTULO 5

O negro na sociedade brasileira contemporânea

O fim da escravidão e do contato com a África 121

A mestiçagem 128

Manifestações culturais afro-brasileiras 132

O caminho em direção à igualdade 140



CAPÍTULO 6

A África depois do tráfico de escravos

O fim do tráfico de escravos 147

A ocupação colonial 152

O século XX para os africanos 162







CAPÍTULO 1

A África e seus habitantes

Retrato físico do continente

O continente africano é cercado a nordeste pelo mar Vermelho, ao norte pelo Mediterrâneo, a oeste pelo oceano Atlântico e a leste pelo oceano Índico. O istmo de Suez o liga à península Arábica. Em termos geográficos, suas principais marcas são o deserto do Saara ao norte, o deserto do Calahari a sudoeste, a floresta tropical do centro do continente, as savanas, ou campos de vegetação esparsa e rasteira, que separam áreas desérticas de áreas de florestas, e algumas terras altas, como aquelas nas quais nascem os rios que formam o Nilo.

Os rios são os meios de comunicação mais importantes do continente. Entre eles se destacam o Nilo, que nasce na região do lago Vitória e deságua no Mediterrâneo; o Senegal, o Gâmbia, o Volta e o Níger, que nascem nas montanhas do Fula Jalom e deságuam no oceano Atlântico, em pontos diferentes da costa ocidental africana; o Congo e o Cuanza, que nascem nos planaltos do interior de Angola e no coração da floresta equatorial central e deságuam no oceano Atlântico, na costa africana centro-ocidental; e, finalmente, o Limpopo e o Zambeze, no sudeste do continente, que deságuam na costa do oceano Índico, onde hoje é Moçambique. Também são referências geográficas importantes os grandes lagos da região centro-oriental.

A grande faixa do Saara divide o continente. Ali, onde um dia existiram lagos, formaram-se algumas minas de sal. O deserto se estende da costa do Atlântico à do mar Vermelho, cortado a oeste pelo rio Níger e a leste pelo rio Nilo. Às margens desses dois rios há terras férteis, nas quais a agricultura e a criação de animais permitiram o desenvolvimento de sociedades complexas, que tiveram uma dose de grandiosidade. As bordas sul e oeste do Saara são conhecidas como Sael ou praias do deserto. Nessas áreas de savana são cultivados grãos e criados animais.

A costa ocidental, onde deságuam os rios Senegal, Níger e Congo, era coberta por florestas que foram pouco derrubadas pelos povos que viviam nessas terras, nas quais cultivavam alimentos e criavam animais, além de caçar, pescar e aproveitar os frutos da natureza. A floresta equatorial domina o centro do continente, cercada de savanas que a sudoeste se misturam ao deserto do Calahari, a sudeste chegam até o mar e ao norte se encontram com o Sael. Nessas áreas de savana a criação de gado muitas



Quedas-d'água no Gabão, em meio à floresta equatorial: um dos muitos cenários naturais de dimensões impressionantes do continente africano.

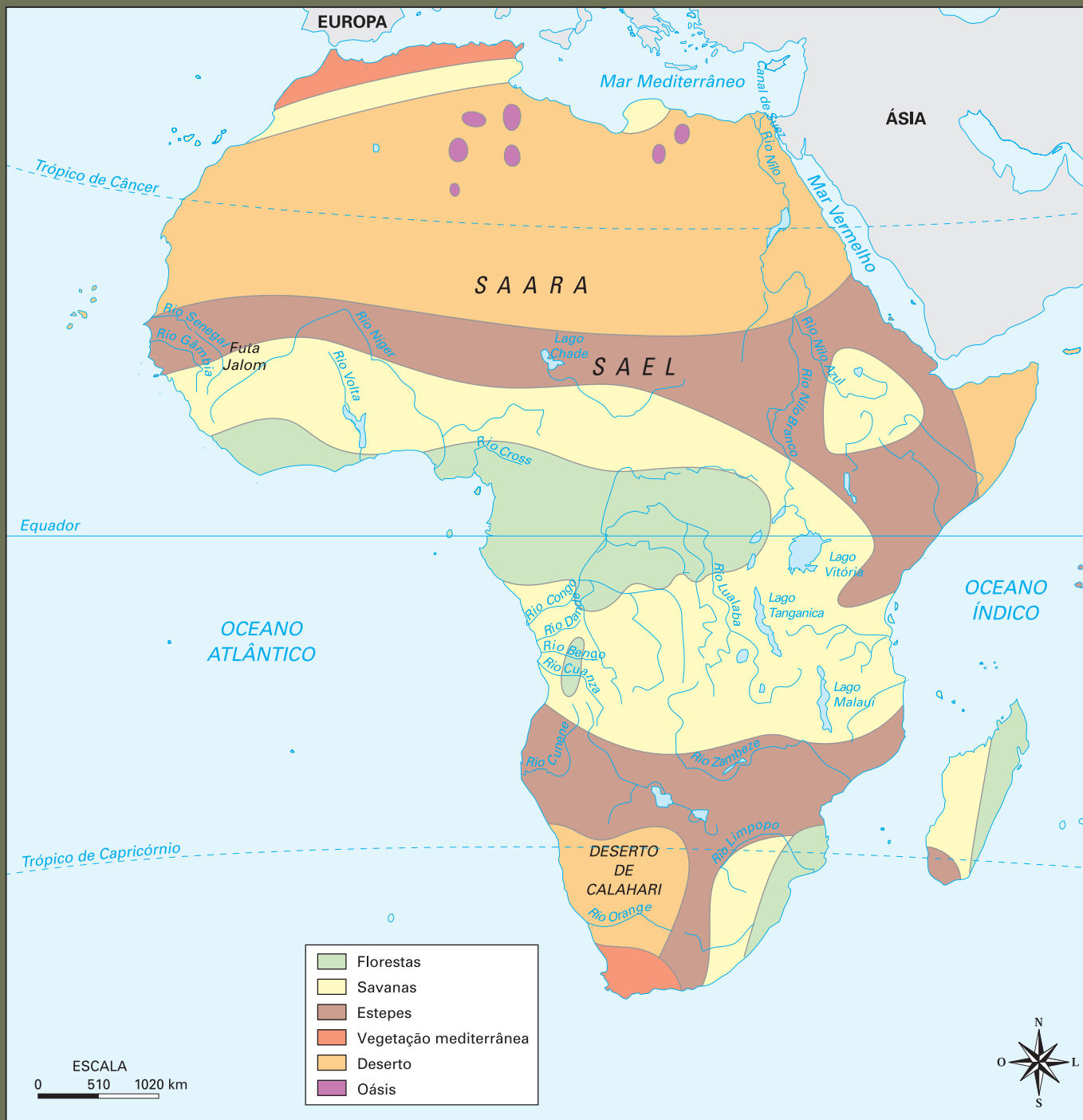
Abaixo

Nas savanas e nas estepes vive grande quantidade de animais, como o kudu, um tipo de antílope.

vezes ainda hoje é a principal atividade econômica. Nos espaços abertos dentro das florestas, que foram diminuindo à medida que as populações cresceram, eram plantados tubérculos, leguminosas, vagens e grãos. Em algumas áreas a agricultura se combinava ao pastoreio, ou à caça, pesca e extração de produtos da natureza. Apesar das enormes mudanças pelas quais passou o continente nos últimos cem anos, em muitos lugares as pessoas ainda vivem dependendo das condições naturais, plantando e pastoreando.



Mapa físico da África



Nesse mapa, foram destacados os tipos de cobertura vegetal.

A EXPANSÃO DO CRISTIANISMO

O cristianismo nasceu do judaísmo, religião a que pertencia Jesus, cuja pregação está calcada nos escritos judaicos. Foram os seguidores de Jesus que propagaram a crença de que ele era o Cristo, filho de Deus, e que ressuscitou dentre os mortos antes de ascender aos céus.

De todos os apóstolos propagadores do evangelho, isto é, da boanovoa, São Paulo se destacou como o mais ativo, pregando pelo Mediterrâneo. A conversão de todos os povos conhecidos à nova religião, criada a partir de Cristo, era a meta dos pregadores que divulgavam os princípios do cristianismo. O Império Romano, o mais influente e poderoso da época, cujos governantes haviam ordenado a crucificação de Jesus e uma perseguição cruel aos primeiros cristãos, até mesmo decapitando São Paulo e crucificando São Pedro, aderiu ao cristianismo no século IV.

No século VI, algumas regiões da Núbia e a Etiópia eram os únicos Estados cristãos fora da área de influência do Império Romano. Sua ocupação pelos bárbaros não eliminou o cristianismo, que se tornou a religião sob a qual os reinos europeus se estruturaram. No século XVI, Portugal e Espanha, envolvidos nas Grandes Navegações, se tornaram os grandes centros difusores do catolicismo, ao justificar seu direito sobre as terras e os povos com que entravam em contato em nome de sua missão evangelizadora.

A EXPANSÃO DO ISLAMISMO

Maomé, que viveu entre Meca e Medina de 570 a 632, foi o fundador do islã, que significa submissão a deus, único e onipotente. No mundo moderno, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo são as três principais religiões monoteístas, isto é, que preconizam a existência de um único deus, criador de todas as coisas. Elas se guiam por textos sagrados, estabelecidos em momentos diferentes: a Torá, a Bíblia e o Alcorão. O islã foi rapidamente difundido pela pregação de Maomé e seus seguidores, e, no século VIII, estava presente desde a Pérsia até a península Ibérica, passando por toda a Arábia, pelo Império Turco e pelo norte da África.

A religião vinha acompanhada de maneiras de viver e de governar próprias do mundo árabe, chamadas de muçulmanas. Segundo a religião islâmica, povos variados podem ser agregados em torno de uma comunidade de ideias e crenças capaz de produzir uma unidade, chamada de *umma*. Os cinco principais deveres de todo adepto do islã são: a profissão de fé, isto é, a declaração da crença em um só Deus e em Maomé como seu profeta; a oração cinco vezes ao dia; o pagamento do imposto religioso; o jejum no mês do Ramadã; e a peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida.

A variedade de povos

A África nilótica e saariana

As informações mais antigas acerca de povos africanos referem-se ao Egito, onde floresceu há 5 mil anos, no vale do rio Nilo, uma civilização que durou mais de 2 mil anos e deixou algumas marcas de sua grandeza, como os túmulos reais e as pinturas. Ainda na região do Nilo, outra civilização grandiosa foi a Núbia (750 a.C.), localizada na forquilha formada pelo encontro do Nilo Branco com o Nilo Azul. Nessa região, localizada no atual Sudão, houve sucessivos Estados que se impuseram sobre seus vizinhos, destacando-se Meroe, em torno de 500 a.C., e Etiópia, que desde o século VI da nossa era incorporou o cristianismo como religião oficial.

Desde o ano 100 havia cristãos em Alexandria, no Egito; e no século IV o evangelho era pregado na Núbia, que se ligava tanto ao Egito, pelo rio Nilo, como à Palestina, pelo mar Vermelho. Na Etiópia, ao sul da Núbia, o cristianismo chegou principalmente pelo mar Vermelho e resistiu à constante pressão que o islamismo exerceu sobre ele.

Essas regiões eram habitadas por povos oriundos da península Arábica, misturados com populações originárias do continente africano. Foi pelos portos do mar Vermelho e pelo istmo de Suez que tanto os cristãos como os árabes penetraram no continente africano, mantendo com ele relações duradouras. A partir de 660, os seguidores de Maomé conquistaram povos a leste e a oeste da península Arábica levando consigo o islamismo, religião que seria cada vez mais importante na África.

Os habitantes do norte da África, onde hoje se localizam a Líbia, a Tunísia, a Argélia e o Marrocos, eram conhecidos como berberes e sofreram forte influência árabe desde o século VII. Mas berbere também é o nome dado a uma variedade de povos nômades que viviam na região do deserto, criavam camelos e conheciam os oásis e os poços de água, como os azenegues e tuaregues. No vale do rio Nilo e em algumas terras férteis próximas à costa, agricultores se fixaram em torno de aldeias ou cidades maiores. O pastoreio e o comércio eram as atividades de muitos. Na costa do Mediterrâneo estavam os portos por onde passavam as mercadorias trazidas pelas caravanas que transitavam pelo deserto do Saara e pelo Sael.

O deserto do Saara era, como ainda é, habitado por uma variedade de povos nômades, que o conheciam muito bem. Esse conhecimento fazia deles os guias que tornavam possível o trânsito de pessoas e produtos por região tão inóspita. O camelo, animal trazido da península Arábica — embora já

África com cidades e Estados antigos



As sociedades e as cidades do passado são indicadas em sua localização aproximada.



As cidades e aldeias próximas do rio Níger eram pontos de apoio do comércio do Sael e do Saara.

Abaixo

O camelo permitiu que as regiões do Sael e do norte da África, à beira do Mediterrâneo, se mantivessem em contato.

existisse no Egito antigo –, passou a ser usado com mais frequência somente a partir do século IV de nossa era. Com ele, as condições de circulação pelo deserto melhoraram muito, graças à sua força e à sua capacidade de ficar muitos dias sem comer nem beber água. O camelo facilitou a comunicação através do deserto e sustentou um comércio que uniu o Sael ao norte da África e ao Mediterrâneo. Daí as cargas ainda seguiam para a península Arábica e para o mar Vermelho, por terra e por mar.

Os comerciantes tuaregues ligavam toda a região do Sael, no passado também conhecido como Sudão – em árabe *Bilad al-Sudan* (que quer dizer terra de negros) –, ao norte islamizado da África. Eles foram os principais difusores do islã por toda essa região que corresponde mais ou menos aos atuais países do Sudão, Chade, Níger, Mali, Burquina Faso, Mauritânia e Saara Ocidental. Foi aí que se formaram os antigos impérios de Gana (séculos VI a XIII), Mali (séculos XIII a XVI) e Songai (séculos XVI a XVIII). (Ver mapa da p. 15)

Para a existência de todos esses **impérios**¹ foram decisivas as condições físicas do delta interior do Níger, como é chamada a região onde esse rio faz uma acentuada curva para o sul. Na altura dessa curva forma-se uma rede de rios e canais interligados que fertilizam a região, vizinha do Saara.

¹ *império* unidade política que congrega várias outras unidades, que podem ser compostas por povos diferentes entre si, que mantêm suas formas de governar locais, mas prestam obediência ao poder central, controlado pelo chefe de todos os chefes.



